

O CORPO COMO TERRITÓRIO RELACIONAL

Marcela de Macedo Cavallini (PPGAV/UFRJ-EBA)¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo partilhar uma experiência poética em performance, tendo como metodologia de criação teórico-prática a pesquisa performativa (HASEMAN, 2015). A investigação parte dos conceitos de território e de modos de existência a fim de ampliar as relações possíveis dos corpos humanos em direção a outras vidas mais-que-humanas. Esse pensamento, por tender a abolir as binaridades intrínsecas à divisão clássica entre corpo e meio, articula-se com os estudos de corpomídia de Katz; Greiner (2001). E, no sentido de incluir o campo artístico nesse debate, partilha da compreensão da arte enquanto jeito, a qual se distancia da visão tradicional dos processos artísticos que visam a obra como resultado principal apartada do campo das relações que a compõem (MANNING, 2018), concepção essa que reiterou cânones artísticos ligados à história ocidental colonial. A criação poética denominada “Corpo-Fronteira”, portanto, partiu dessas considerações e da experiência corporificada da quarentena, imbuída pelas linhas constitutivas de vida que atravessam e ligam corpo e ambiente de uma forma emaranhada e coextensiva, pautando-se naquele como ativador participante de mediações.

PALAVRAS CHAVE

Pesquisa Performativa, território, modos de vida, corpo-fronteira.

ABSTRACT

The present article aims to share a poetic experience in performance, having as theoretical and practical creation methodology the performative research (HASEMAN, 2015). The research starts from the concepts of territory and modes of existence, in order

¹Marcela Cavallini é performer, mãe e artista-pesquisadora. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dentro da Linha de Pesquisa Poéticas Interdisciplinares. Orientada pela prof. Dra. Walmeri Kellen Ribeiro. É bolsista CAPES e participa do grupo de pesquisa BRISA-LAB: Performance +Mídia + Questões Ambientais. URL lattes: <http://lattes.cnpq.br/5686720304898088>. E-mail: marcelademacedo@gmail.com.

to expand the possible relations of human bodies towards other more-than-human lives. This thought, by tending to abolish the binarities intrinsic to the classical division between body and medium, articulates the corpomedia studies of Katz; Greiner (2001). And, in order to include the artistic field in this debate, it shares the understanding of art as a way, which distances itself from the traditional view of artistic processes that aim at the work as the main result of its journey apart from the field of relations that compose it (MANNING, 2018), a conception that reiterated artistic canons linked to colonial western history. The poetic creation named "Body-Border", therefore, started from these considerations and from the embodied experience of the quarantine, imbued by the constitutive lines of life that cross and connect body and environment in a tangled and coextensive way, based on the former as a participant activator of mediations.

KEY WORDS

Performative research, territory, ways of life, body-borders.

Introdução

Andar através dos tempos, desde a Modernidade, aproxima-se da imagem de um caminhar por um grande defunto que é arrastado pela história: “vivemos dentro de um cadáver”, como diz o filósofo Franco Berardi (2021). Esse defunto é o capitalismo, morto em todas as suas promessas de progresso e de comprometimento com a evolução da matéria e do espírito. Propagados por redes de infraestruturas globais, seus efeitos repercutem no microcosmos de uma vila de agricultores, no pequeno bairro afastado de uma metrópole e até em comunidades vegetais de uma mata já modificada. O global e o local estão entrelaçados em suas especificidades, desmistificando a massificação de uma realidade e revelando as tramas dos ecossistemas, que são, sobretudo, relacionais e interdependentes. A verdade, mais que sabida, é que esses defuntos são uma miríade de corpos que não desejaram, muito menos plantaram seus fins soterradas pelo concreto mas que, ainda sim, sofreram com as consequências de um projeto avassalador de subjugação da natureza e da vida: genocídio dos povos indígenas e pretos, e também de outros povos minoritários, como os ciganos, etnias curdas, muçulmanas e outras frutos das guerras, além da extinção de matas e espécies nativas, seca dos rios, poluição dos mares e propagação de inúmeras formas de contágios fatais por doenças. Todos eles são mortos que falam “de” e conosco: Nós. Nós enquanto complexo entrelaçamento entre corpo e espaço, ou melhor, entre corpo e território. O enfoque na questão do território aqui deve-

se, portanto, à sua presença na afirmação de modos de existência² que foram subjugados e apartados da história e que, hoje, reivindicam seu estatuto de vida.

Afirmar modos de existência que escapem às linhas duras de morte, controle e poder, as quais impuseram crises e opressões ao longo da história, torna-se cada vez mais necessário se atentar ao corpo como essa mídia em transformação. Isso significa que, como as autoras Katz; Greiner (2001) tratam, o corpo não será nem o receptáculo identitário de formas já manjadas, da consciência racionalizada e modelada a partir da modernidade, tampouco o vazio de significação, mas uma existência possível que é atravessada por movimentos, intensidades, encontros e desencontros do pulsar da matéria no mundo. Não poderia, portanto, deixar de ser sensível às transformações desses tempos e seus meios por onde acontecem as criações. Nesse sentido, nas palavras de Katz (2015, p.2):

Corpomídia refere-se ao entendimento de corpo como um estado permanentemente transitório de uma coleção de informações que não cessa de se transformar no seu contato com o ambiente. O fluxo constante de trocas entre corpo e ambiente altera ambos, pois se dá em uma relação co-evolutiva.

Para que o corpo esteja poroso ao seu potencial de mediação, há que se cultivar uma micropolítica da arte que busque criar novas experimentações, abrindo-se à diferença, à variação, enquanto se atém às formas de resistência e às práticas de contra-assujeitamentos que subjugam os corpos a uma consciência unilateral, muitas vezes ditadas por cânones artísticos. Poder desobstruir esses obstáculos, ou, ao menos, reconhecê-los, contribui para ressignificar o conceito e a prática de um território ao indagá-lo a partir das suas próprias emergências, sejam essas de lutas, estéticas e/ou poéticas. Nesse sentido, tendemos, pois, a tratar aqui o corpo em que se vive e que se corporifica a vida, sendo ele mesmo um espaço relacional, ou seja, um território.

Territórios Relacionais

A ideia de território marcou o surgimento do Estado Moderno quando, a partir das marcações de fronteiras, limites e propriedades, reiterou a ficção de um Estado soberano, um Estado-Nação. Esse, que se fundou sobre a terra de povos originários, produziu

² O conceito parte da discussão sobre existências mínimas feita por Lapoujade (2017) quando esse dialoga com as ideias de Souriau. Para esses autores modos de existência estão sempre relacionados com as particularidades e singularidades de cada vida: “Uma existência pura é um modo de existência tomado em si mesmo, sem referência a nenhum outro.” (LAPOUJADE, 2017, p.27)

regulações sobre a vida e morte a partir de aparatos de controle e de cercamentos, tanto visíveis, quanto invisíveis, a nível simbólico e das subjetividades. Porém, o alargamento desse conceito³ vem sendo discutido para além da vinculação com o controle estatal e com as redes de poder. A noção de território aliado da prática da colonialidade de demarcação de terras, e subsequente, marcação de corpos e ambientes, faz-se seu sentido inverso nas micropolíticas de existência: exorcizando as marcações e abrindo frestas aos fluxos naturais e culturais que podem trazer de volta a vida expandida e diversa do corpo e para além, no sentido das suas transversalidades, de socialidades outras, mais-que-humanas, em linhas de vida emaranhadas e coextensivas.

Se, portanto, o território que desejamos atravessar não se trata de um processo de objetificação e estabilidade onde reconheceríamos seus traçados através de limites e fronteiras reiteradas, aqui propomos reconhecê-lo enquanto corpo em toda sua dimensão de processualidade, nosso território *embodied* que se refaz a todo momento mediado por nossos pensamentos e poéticas de criação, e que com elas recompõem novos meios. Além disso, a corporificação da cognição e do ambiente, como atenta Varela; Thompson; Rosch (1991) diante de tal concepção, ajuda-nos a ir em direção à noção de corpo que não se estabiliza numa territorialidade específica, mas que segue atenta e se sustenta na precariedade e no equilíbrio dinâmico das linhas, nós e tensões (Fig.1), às quais se modulam com o tempo e com a experiência vivida que cada contexto o lança.

³ Teóricos da geografia como, Milton Santos (Santos, 2008, p.80 apud Stürmer & Costa, 2017) discutem a noção de território por diversas facetas que irão escapar da tradicional visão de marcação política-administrativa de terras. Mais recentemente, esse autor propõe que o território extrapola as noções de identidade e pertencimento para ir em direção aos movimentos, conflitos e lutas que emergem do cotidiano:

“o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência.” (SANTOS, 2008, p. 80).



Figura 1 - Frame *Futuros Impuros*, performance, 2021.⁴

Os movimentos dos corpos que ensejam e impulsionam relações à medida que seus territórios, atravessados pela experiência, constituem outros territórios, lançam-se às linhas de fuga onde se renovam os fluxos, trocas e transformações dos materiais e da sensibilidade em curso. Para Deleuze (1998) “linhas de fuga” estão a todo momento promovendo reterritorializações e desterritorializações dos mapas da experiência ou, como podemos aqui aproximar, da nossa estrutura *embodied*, arrastando-nos para o novo e para o que virá na imanência do processo. Se produz movimentos em direção ao desconhecido, o campo de força *embodied* tem a tendência a formar territórios, ou seja, a propor novas aberturas que podem descentralizar representações e comportamentos já dados. Nos processos artísticos, parece que lidamos a todo momento com essas potencialidades que têm como proposta a imprevisibilidade dos encontros e a saída do isolamento, os quais nos ligariam às multiplicidades dos rearranjos poéticos e de vida.

Para nós, artistas, essas linhas vão revelando e lançando direções que produzem outras singularidades aos traçados territoriais já dados: movimentos que desafiam unidades consolidadas que, por conseguinte, produzem outros modos de vida que

⁴ Autora Marcela Cavallini. Edição Bali Rec Produtora. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tVa9-JXB09KcrNFCTOg3YLJNEBvMXXl-/view?usp=sharing>

reinventam comunidades artísticas e humanas. Para nos desabituar um pouco com o campo demarcado das artes, trazemos, por conseguinte, o território para dialogar com uma socialidade expandida: artística, minoritária e mais que humana. Isso significa que os sentidos que ganha, nesse contexto, vão muito além da sua tradicional demarcação em que foi legitimada ao longo da história ocidental colonial. Mas que também é demarcado por essas linhas constitutivas, visto que parte do processo transformacional é operado pelo exercício de destituição constante dessas marcas.

Ao cruzar por diversas escalas, os territórios, os corpos, resvalam sua insistência na existência, a partir de uma ontologia terrena, aquática e atmosférica. Propagam inúmeros processos de individuação ante a herança de um modelo capitalista extrativista moderno e colonial de devastação e genocídio. Desdobram-se, assim, “desde os territórios da/na corpo, íntimo (a começar pelo ventre materno), até o que podemos denominar territórios-mundo, a Terra como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades” (HAESBAERT, 2020, p.76), o qual não necessariamente podemos demarcar com as ferramentas do saber-poder do sistema hegemônico. A ambigüidade da imagem nos dá a trama da colonialidade. Ao tratar de forma universalista o corpo, o espaço ou o território, a colonialidade (LUGONES, 2008) torna-se a marca da dissolução do múltiplo a favor de um projeto que visa uma racionalidade universalista, baseada em contradições normativas entre corpo, natureza, vida e morte, centro e periferia, homem e mulher, adulto e criança, entre outras. Uma universalidade posta como referência um individualismo seriado, porque nada mais importa para que se garanta sua reprodução. As coisas, os seres e as pessoas são colocados a quilômetros de distância num caos que incide funcionalidade, superprodutividade e eficiência.

Tal projeto, que tenta planificar e subjugar as diferenças, contradições e as diferentes formas de territorialidades, não consegue evitar que essas ruínas cheguem até os dias de hoje. De forma a abrir frestas e enxergar caminhos, cada artista e cada um de nós, tem tido a delicada tarefa de atravessá-las, acredito, desviando-se de um embate bruto, ainda que, se necessário, utilizando-se do cerne da energia bruta para subvertê-la e desviá-la para fins não assoladores (Fig. 2 e 3).



Figuras 2 e 3 - Frame *Futuros Impuros*, performance, 2021.⁵

⁵ Autora Marcela Cavallini. Edição Bali Rec Produtora. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1tVa9-JXB09KcrNFCTOg3YLJNEBvMXXl-/view?usp=sharing>

Por fim, ao escutar cada corpo e perceber os percursos que fazem, somos provocados a recompor emaranhados, linhas de vida e de fuga ante as visadas hegemônicas. Assim, muitas vezes, no terreno da macropolítica, vemos considerar aspectos importantes que se interligam à existência de um território, como fronteiras, limites, terra, tempo, espaço, e, agora ainda mais, a presença das novas tecnologias, mas, frequentemente, como algo que considera, uma visão incorpórea. Esses posicionamentos tendem a mascarar as relações que são constitutivas de um lugar. Assim, tendemos a trazer aqui um modo situado de se ater a esse, que, não por ser território, seja capaz de se modificar, produzir mobilidade, recomposições ou fragilidades que só se mostram em relação, muitas vezes poéticas, outras vezes de luta e existenciais. O situar, nesse sentido, é um estado de permanente tensão, travessia e mutação.

“Futuros Impuros” (Fig. 4), a performance que ora os apresento em vídeo, propõe cartografar isso que nos ronda, mas que também nos habita e nos desterritorializa de uma centralidade patológica, diga-se de passagem, alimentada por uma imagem-semelhança de um Ocidente que já nasceu em ruínas. Propõe alimentar vínculos através de modos de mover numa pesquisa performativa⁶. Assim, a corda e o vídeo são mídias que permitem dar expressão às linhas constitutivas de vida que partem de meu corpo frente às mutações de uma sociedade soterrada e arruinada pelos modos extrativistas de se criar mundos.

Assim, como as sociedades, as possibilidades poéticas e tecnológicas das máquinas e de nossos corpos atravessam mutações que, segundo Machado (2009), quando verdadeiramente instigantes, redefinem os modos como lidamos e lemos os meios em que criamos e o mundo. Diferentemente do que a produtividade programável, fruto de um progresso irrefreável, nos impeliu a um caminho de ruínas, se olharmos para trás, tendo em perspectiva a futuridade presente, percebemos que nossos modos de existência nos desafiam em como daremos continuidade às histórias e singularidades de nossas experiências. Dessa forma, o progresso, foi essa ficção que apartou, do cotidiano e das outras esferas da vida, maneiras de lidar sensivelmente com as diferentes existências:

⁶ Sobre essa metodologia, ver HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP / Organização: Charles Roberto Silva; Daiana Felix; Danilo Silveira; Humberto Issao Sueyoshi; Marcello Amalfi; Sofia Boito; Umberto Cerasoli Jr; Victor de Seixas; - São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. A pesquisa performativa é uma proposta metodológica que parte do campo das artes e se ancora na prática enquanto movimento da pesquisa. Essa gera, desde o campo do sensível, as perguntas que emanam da processualidade investigativa.

“Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa sobre nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sobe do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” (BENJAMIN, 1987e, p.226)

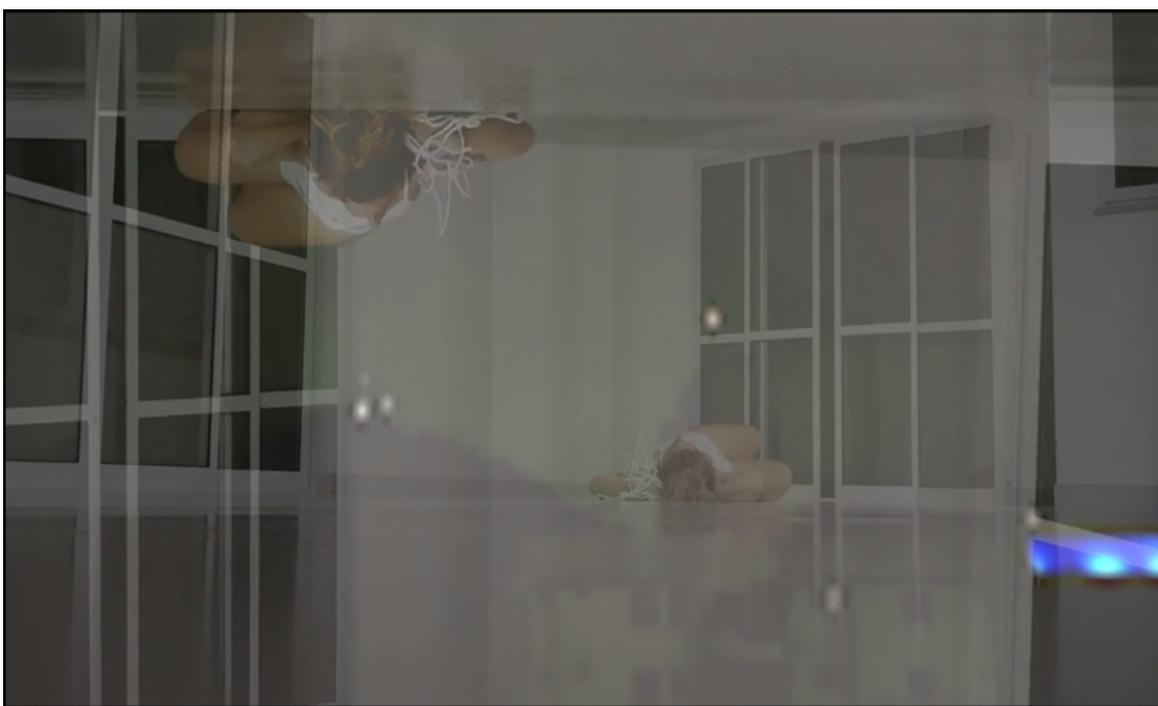


Figura 4 - Frame *Futuros Impuros*, performance, 2021⁷

Benjamin escrevia enquanto pensava em como lutar contra os fascismos em ascensão, pensava na crítica à crença no progresso fomentada pelo modernismo e sobre a visão do materialismo histórico marxista, destituído do espiritual, ou seja, do aspecto sensível ante o mundo. Esse se apresentava ao filósofo como um tempo homogêneo, vazio e que produz caos, fragmentação e sofrimento. Assim, reaprendi a associar as ruínas do progresso com Tsing (2019) como algo que faz parte dos nossos tempos históricos diante das incertezas, naturais e culturais, sem ignorar todos os prejuízos e violências advindos dele, e que podemos reinventar embebidos de uma lógica não binária. Podemos

⁷ Autora Marcela Cavallini. Edição Bali Rec Produtora. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tVa9-JXB09KcrNFCTOg3YLJNEBvMXXl-/view?usp=sharing>

considerar a dança dos movimentos próximos, precários, mas que, ainda assim, potencializam a diversidade de jeitos de compor com o mundo, diversidades só possíveis ante o cultivo afetivo das singularidades e das contaminações entre corpo e mundo (Fig.5).

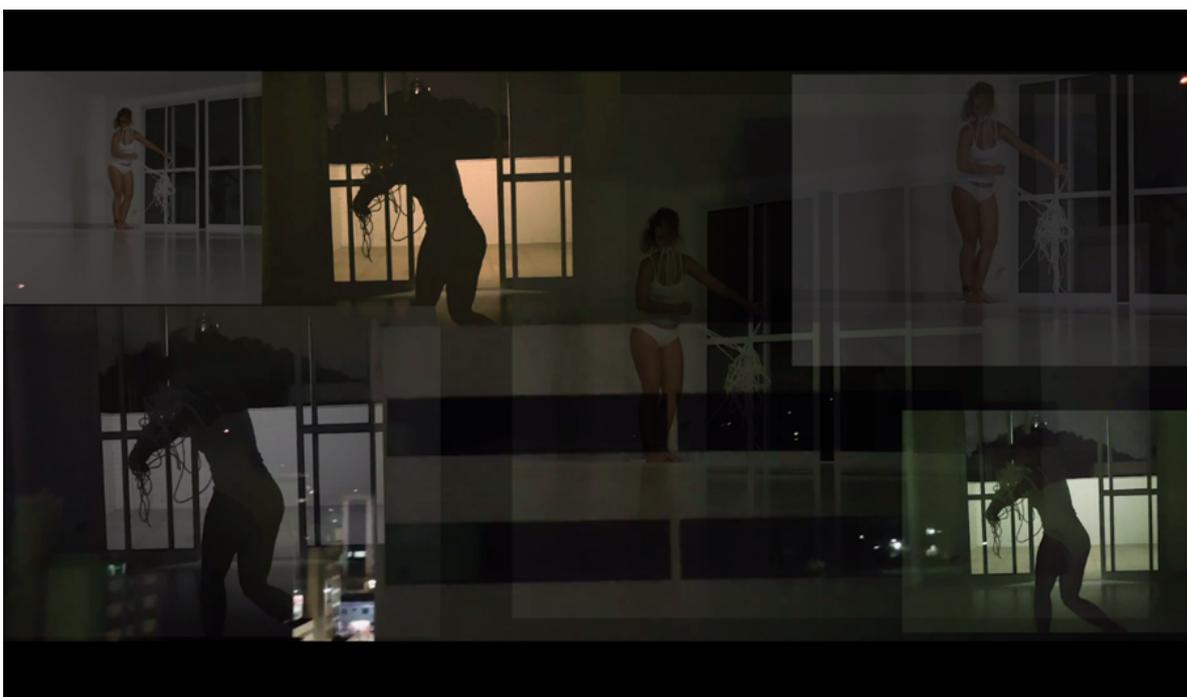


Figura 5 - Frame *Futuros Impuros*, performance, 2021.⁸

Socialidades Expandidas

O anjo da história mostra o quanto há poeira levantada pela tempestade que encobre as certezas sobre a continuidade da vida. Mas ele também pode abrir, numa dialética possível do tempo, as portas para o futuro. Certamente o futuro não pertence à humanidade, não enquanto domínio e subjugação dos outros. O futuro pode acontecer como um movimento vibracional, imerso no tempo, em direção a novas participações e fluxos. Manning (2018) propõe pensá-lo na processualidade imanente da criação, atenta aos saltos intuitivos que o processo pode disparar quando se está imerso sensivelmente na prática. Bem quando se lida com a arte enquanto jeito, sendo possível abarcar tais

⁸ Autora Marcela Cavallini. Edição Bali Rec Produtora. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tVa9-JXB09KcrNFCTOg3YLJNEBvMXXl-/view?usp=sharing>

movimentos e memórias do futuro, ao instaurar a criação de pontes para outros modos de existência.

No vídeo que aqui compartilho, a corda corporifica a criação de vínculos com o meio, numa singularidade que se dá a partir de um corpo que leva a dança como uma prática estética, afetiva e política. Também oferta a tensão para o corpo, que, assim como essa materialidade viva, pode ser transformada pelo convite de ser parte da linha que lança ao encontro de outros modos de vir a ser e a viver. As cordas são entrelaçamentos de linhas, firmes e flexíveis, e que contém a multiplicidade das linhas envoltas em espiral e fruto de um algodoeiro que um dia esteve vivo:

Há dias, em estado de atenção com o processo de criação em curso, não tinha ainda a dimensão do que iria montar em termos de performance. Quando sou acordada pelo uivo do vento às 2h da manhã. Não o vejo, ouço. Esse uivo vem do vão do prédio, um enorme corredor onde, a meu ver, conectam-se todos os moradores através dos banheiros. Poucos momentos me senti pertencendo a esse lugar que agora moro, nesse dia, me vi ali, inteira. Depois de um tempo escutando aquele som que parecia vir de dentro dos ossos, saco meu celular para gravá-lo. Sem pretensão de realizar nada a priori. Fico ali um tempo, gravando e ouvindo. A materialidade do celular me convida a ficar num silêncio completo para que nada seja capturado pelo aparelho, pois a mídia sensibiliza o modo como nos colocamos conjuntamente ali. Fico imóvel, resguardada entre a escuta dos uivos e das batidas do coração. Depois, já sem conseguir dormir, resolvi me abrir a uma dança ou performance que já estava latente, porém ainda sem motivos fortes para acontecer. Coloquei minha roupa, branca, subi até o último andar onde tem um salão vazio no prédio condomínio, lugar quase nunca ocupado, vazio, explicitamente em ruínas. Abro a porta e fico um tempo vendo o entorno, as luzes, os prédios, o Convento da Penha, essa arquitetura imponente e fantasmagórica colonial. Tudo erguido de forma a estabelecer uma grande fronteira espaço-temporal entre vizinhanças. Começo a filmar e, através da tela do celular, vejo o céu relampejando. Vou para o outro lado do salão e filmo a outra perspectiva, encontro uma árvore que balança fortemente com o vento. Todos esses seres comunicam, a seus modos, seu estado vibracional com o ambiente. Aparece o tempo interrompido da obra de uma comunidade inacabada e temporária que avança, levantando-se fim após fim. O corpo gira e lança linhas em direção à árvore, ao prédio, à tempestade, à corda e às outras coisas vivas. A dança, enfim, acontece.

REFERÊNCIAS CITADAS

HAESBAERT, Rogério. Corpo-território ao Território-Corpo (da Terra): Contribuições Decoloniais. In **GEOgraphia**, 22(48), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>. Acesso em Jan de 2022,

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: Obras Escolhidas I**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987e,

BERARDI, Franco. [Ubu das 5 às 7] **Política e arte depois do futuro** – Franco "Bifo" Berardi e Giselle Beiguelman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFoeRmGJvN0>. Acesso em Out 2021.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The embodied mind: Cognitive science and human experience**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

KATZ, Helena. Conexões entre o Corpo APPS e o Mundo Regido por Editais. In: **IV Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA**, Comitê Produção de Discurso Crítico sobre Dança. Anais eletrônicos, Salvador: Junho 2015. Disponível em: <https://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz21557582623.pdf>. Acesso em Maio de 2022.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. **Tabula Rasa**. Bogotá. N° 9: 73-101, jul-dez, 2008.

MACHADO, Arlindo. Máquina e Imaginário. In: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte, Ciência e Tecnologia: Passado, Presente e Desafios**. São Paulo: Unesp, 2009.

MANNING, Erin. Artimanhas: Coletividades Emergentes e Processos de Individuação. **Revista Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia**. Rio de Janeiro. n. 52, p. 258-280, 2018.

STÜRMER, A. B. ; COSTA, B. P. D. (2017). Território: Aproximações a um conceito-chave da Geografia. In *Geografia Ensino & Pesquisa*, 21(3), 50–60. <https://doi.org/10.5902/2236499426693>

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.